

SÉRGIO DE SOUZA:
uma trajetória de valorização da função social do jornalismo

SÉRGIO DE SOUZA:
a trajectory of valuation of function of journalism

Luciana Almeida Das CHAGAS¹

Resumo: Este artigo analisa a trajetória do jornalista Sérgio de Souza (1934-2008) em face dos conflitos sociais do período em que se deu a sua atuação na imprensa brasileira. O foco recai especialmente sobre dois momentos distintos: o período de vigência da Ditadura Militar e o final do século XX, quando criou a revista *Caros Amigos* em meio à hegemonia neoliberal que alcançou o país. Examina-se, também, as peculiaridades que marcaram a trajetória de um homem de imprensa norteadada pelo enfrentamento do *status quo*.

Palavras-chave: *Caros Amigos*; Sérgio de Souza; jornalismo

Abstract: This article analyzes the history of the journalist Sérgio de Souza (1934-2008) in the face of the social conflicts of the period in which gave their performance in the Brazilian press. It focuses especially on two separate stages: the period of the military

¹ Jornalista e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF/Rio de Janeiro – Brasil). Já atuou com professora substituta nas Universidades Estadual e Federal do Piauí. Vínculo institucional atual: Instituto Dom Barreto. Tem experiência na área de televisão, cinema e comunicação empresarial. E-mail: lua.chagas@uol.com.br.

dictatorship and the end of the twentieth century, when he created the magazine *Caros Amigos* amidst the neoliberal hegemony that reached the country. Also, it examines the peculiarities which marked the course of a man guided by confronting the media the same state as before.

Key-words: *Caros Amigos*; Sérgio de Souza; journalism

Introdução

Examinamos neste artigo as peculiaridades que marcaram a trajetória do jornalista Sérgio de Souza e sua contribuição para a história do jornalismo brasileiro, norteadas especialmente pelo seu perfil contra-hegemônico. Tendo iniciado suas atividades aos 24 anos, nunca mais deixou o jornalismo e passou por diversos veículos de comunicação.

Na década de 1960, Souza foi convidado a participar de um projeto especial da Editora Abril: a *Realidade* (1966-1976). Atuou nesta revista durante a sua primeira fase, quando começou a produzir um jornalismo autoral - com características do *new journalism*. Na sua percepção, na *Realidade* existia o que deve ser primordial no jornalismo:

liberdade para criar, liberdade para executar, independência em relação às opiniões do patrão, alto salário, espírito de equipe acima de qualquer veiledade individual, recursos para cumprir pautas que demandavam alto investimento, o afeto do verdadeiro companheirismo e amizade e a extrema satisfação de mexer com a cabeça do brasileiro, [...] objetivo maior do jornalismo.²

Depois dessa experiência, Souza, que havia deixado a *Realidade* em plena Ditadura Militar, estreou na imprensa alternativa, e prosseguiu atuando no jornalismo contra-hegemônico durante aquele período.

Anos mais tarde, depois de passar por grandes veículos de comunicação e diferentes experiências profissionais, quando o cenário brasileiro era dominado pelo neoliberalismo, em 1997, Sérgio de Souza mais uma vez, empreende um expressivo contraponto e cria a

² SOUZA, Sérgio de. Entrevista. [mensagem pessoal] recebida por: <lua.chagas@uol.com.br> em 11 fev. de 2008.

revista *Caros Amigos* com a intenção de resgatar um jornalismo mais opinativo, com espaço para instigar a reflexão do leitor, além de contribuir com o pensamento crítico que, segundo Muniz Sodré, “tradicionalmente se apoia sobre a argumentação racionalista e ética, e não sobre algo que se confunde com as impressões dos sentidos” – como os oligopólios midiáticos em geral procedem.

Neste artigo pretende-se contemplar dois momentos distintos da trajetória de Sérgio de Souza, visto que a proposta desta análise enfatiza os períodos em que esteve mais evidente na sua atuação o efetivo enfrentamento do *establishment* empresarial no jornalismo brasileiro. Nesses períodos pode-se avaliar melhor o quanto o jornalista em questão envolveu-se profundamente com veículos que lhe permitissem valorizar a função social precípua do seu ofício: fomentar o senso crítico junto aos leitores e, em última instância, à sociedade brasileira.

O Jovem Sérgio de Souza

Você quer ser jornalista? Assim dizia um anúncio publicado n’A *Folha da Manhã*, no final da década de 1950. A intenção do jornal era selecionar profissionais para o grupo. Até ler esta propaganda, Sérgio de Souza era bancário e mesmo sem experiência alguma na área jornalística, inscreveu-se e foi selecionado. Assim começa sua história no jornalismo brasileiro.

Quatro anos depois, já havia trabalhado como revisor na *Folha da Manhã* e como repórter nas revistas *Fatos e Fotos*, *Manchete* e *Notícias Populares*. Foi quando recebeu o convite que mudou sua vida profissional. Foi convidado pelo jornalista Paulo Patarra para atuar na *Quatro Rodas*, da Editora Abril. José Hamilton Ribeiro relembra que a *Quatro Rodas*

era um laboratório jornalístico da editora para o futuro. Tanto que eles chamaram para editar *Quatro Rodas*, que é uma revista de automobilismo, um cara que nem

sabia dirigir, que é o Mino Carta. Ele não entende nada de mecânica até hoje. O

Mino fez da *Quatro Rodas* uma revista exitosa de automobilismo e turismo, mas fez, sobretudo um laboratório de texto. Começa que ele chamou uma equipe boa: Sérgio de Souza, Narciso Kalili, Carlos Azevedo, Audálio Dantas... E esse laboratório da *Quatro Rodas* vai dar origem à *Realidade*. [...] Sabe por quê? O raciocínio foi esse: nós não podemos levar toda a equipe para fazer *Realidade* e deixar desamparada a *Quatro Rodas*; alguém tem que ficar. Me deixaram para trás e eu fiquei segurando a barra na *Quatro Rodas*, mas antes de sair o primeiro número já me chamaram para a *Realidade*. Eu fui antes de sair o primeiro número, mas não participei da criação dela. (RIBEIRO, 2008)

A revista *Realidade* foi criada em abril de 1966. O fazer jornalístico era distinto do que aqueles profissionais já haviam vivenciado. Certa vez, ao produzir uma reportagem sobre a tortura durante a Ditadura, Pereira Filho, levou para a redação um pau de arara³ e lá se pendurou. Queria transmitir ao leitor a verdadeira sensação, mas não suportou mais do que dez minutos e, em seguida, escreveu sua reportagem.⁴

Os jornalistas podiam romper com o texto convencional, o uso da pirâmide invertida, e assim as matérias ganhavam uma narrativa autoral. Era comum a presença do repórter como personagem da matéria. O fazer jornalístico também era diferenciado. A observação era intensa: os gestos e expressões faciais, além dos detalhes do cenário. Consumia-se tempo também com os diálogos. O subjetivo e o emocional do entrevistado eram contemplados na matéria. Para J. S. Faro, que pesquisou sobre a primeira fase da revista (1964-1968), as reportagens continham o aprofundamento da informação social. O repórter da *Realidade* era também

pesquisador do tema sobre o qual estava escrevendo, nenhum detalhe, nenhuma personagem, nenhuma causa ou efeito poderiam estar fora do texto; nenhuma relação entre eles poderia deixar de ser feita sob nenhum ângulo. (FARO, 1999: 51)

Patarra, que ao lado de Roberto Civita comandava a redação, foi o responsável pelo projeto editorial: revista mensal, colorida, com boa diagramação, de interesse geral, que

³ Instrumento de tortura que consiste numa barra de ferro que é atravessada entre os punhos amarrados e a dobra do joelho, sendo o “conjunto” colocado entre duas mesas, onde individuo permanece pendurado.

⁴ Essa história foi contada por Mylton Severiano durante o 1º Anticurso de Jornalismo da revista *Caros Amigos*, em setembro de 2007 na redação da revista.

tivesse equilíbrio entre texto e ilustração. Cada exemplar continha 12 reportagens sobre diferentes assuntos. Mylton Severiano revela que

o “caleidoscópio” era a fórmula mensal num sistema de escaninhos. Todo o número tinha de abarcar a realidade em 12 facetas, tais como: infância, política, esporte, mulher, doença, Brasil, internacional, educação, tragédia, religião, sexo, depoimento, pesquisa, perfil, documento, ensaio, problema, estudantes, espaço, saúde, esquerdas, ciência, racismo, guerra, polícia, assim por diante. Na afinação, procurava-se abarcar o maior número possível de itens, ou seja, nunca permitir que no mesmo mês houvesse duas matérias no mesmo escaninho. (SEVERIANO, 1999:83)

Segundo Faro, durante esse período, as edições abordavam temas polêmicos ligados à política e ao comportamento. No entanto, é preciso levar em consideração a incompatibilidade do projeto editorial com o “clima” de repressão que o país enfrentava.

Desde cedo a revista tornara-se uma preocupação para a censura, mas foi com uma reportagem de comportamento que a revista teve sua primeira apreensão em janeiro de 1967, por ordem dos Juizados de Menores dos Estados da Guanabara e de São Paulo. Tratava-se de uma edição especial sobre a mulher que trazia estatísticas sobre aborto, entrevistas com mães solteiras, debates sobre a virgindade, fotografia de um parto. Dos 465 mil exemplares que haviam sido publicados, apenas 200 mil chegaram aos leitores, sendo o restante apreendido sob a alegação de ser “obscena e ofensiva à dignidade da mulher”. Na edição seguinte a revista reagiu em seu editorial alertando sob os riscos que a imprensa corria. (PEREIRA Junior, 2001:4910-4911)

A partir de dezembro de 1968, *Realidade* passou a ser censurada. A censura chegava à redação através da direção da Editora, pois se tratava de uma publicação mensal. E como a Abril não queria se indispor com os governantes, acatavam as solicitações. Foi quando Patarra e Sérgio de Souza deixaram a redação, pois não queriam corroborar o controle da imprensa.

A revista *Realidade* como fonte de inspiração

Realidade é um marco na história da imprensa brasileira. Seus textos longos, as narrativas que proporcionavam o diálogo com o leitor, a compreensão e a repercussão de suas reportagens fizeram com que o jornalismo praticado fosse classificado como inovador.

Assim, como o *new journalism*, a revista ficou conhecida como revolucionária. Edvaldo Pereira Lima acredita que *Realidade* deu oportunidade ao jornalismo de “se igualar, em qualidade narrativa à literatura, seria aperfeiçoando meios sem porém jamais perder sua especificidade.” (LIMA apud NUNES, 2007:28)

Durante os anos em que foi publicada, a revista sofreu diversas modificações em sua linha editorial, na composição gráfica e na tiragem, devido a acontecimentos políticos no país e a mudanças estruturais na Editora Abril. Sendo assim, considera-se que *Realidade* teve três distintas fases. Na segunda fase da revista, no início em 1969, Paulo Mendonça e Milton Coelho da Graça tomaram as rédeas da redação. Houve modificações no elenco de temas abordados e na composição das matérias. As reportagens com teor comportamental passaram a ganhar mais destaque, principalmente as que enfocavam temáticas sobre medicina e curiosidades científicas. Houve uma queda considerável na tiragem da revista. Em 1973, deu-se o início da terceira e última fase e foi anunciado o término do projeto jornalístico original. O formato do periódico foi modificado e os textos ficaram menores. As reportagens muito se aproximavam de certos guias para o dia-a-dia ou manuais de auto-ajuda. As abordagens tornaram-se superficiais, não lembravam em nada aquelas reportagens que traziam o leitor para a reflexão da primeira fase da revista.

Apesar do nome, já não era a mesma revista. Chegou a ter um relançamento, inclusive com a carta de apresentação assinada por Victor Civita, na qual ele procurou associar a nova revista com o sucesso dos primeiros anos. Explica o sucesso, cita os prêmios de reportagem e diz que o Brasil continua mudando. (NUNES, 2007:64)

Por isso, com o fim da primeira fase de *Realidade*, grande parte dos profissionais que atuavam na revista foram demitidos pela Editora Abril. Sérgio de Souza, Roberto Freire, Eduardo Barreto, Narciso Kalili, José Hamilton Ribeiro, Hamilton Almeida Filho, Woylé Guimarães, Ruy Barboza e J. A. Granville Ponce formaram um novo grupo que tinha como estratégia oferecer ao mercado uma equipe pronta de jornalistas. Os dois primeiros trabalhos não tiveram êxito. O primeiro deveria ser uma publicação dominical

intitulada *Idéia Nova*, que tinha como idealizador Samuel Wainer, mas logo após a contratação do grupo, Sérgio de Souza relembra que

soube da decretação do Ato número 5 quando entrava numa pizzaria da rua da Consolação, que mantinha logo à entrada um aparelho de televisão. Estava com uma turma de jornalistas, quase todos recém-demitidos ou saídos da revista *Realidade*. Vínhamos de um hotel da chamada Boca do Lixo de São Paulo, o Apolo, na rua Aurora. Foi um susto e uma correria, porque nesse hotel estávamos ultimando o "boneco" de uma publicação para a qual nos havia chamado o Samuel Wainer. Um semanário batizado por Samuel de *Ideia Nova*, que trazia matérias e colunas de crítica que já prenunciavam o que viria [...] Corremos de volta ao hotel, recolher a papelada toda, enquanto o Samuel tratava de desaparecer. Ia por terra nosso "Projeto Apolo" e entrávamos no período da censura absoluta.⁵

A segunda investida frustrada foi oferecer à Editora dos irmãos Rossolito – que tinha uma gráfica – três revistas de histórias em quadrinhos, *Allan Voss*, *Mônica* e *Cara Metade*, direcionada ao público feminino. Mas em cima da hora os empreendedores desistiram e o projeto não avançou.

Então resolvem fundar uma editora própria, a *Arte&Comunicação* – de caráter semicooperativo, vendendo cotas a jornalistas que em sua maioria trabalhariam na empresa.⁶ Nesse momento, ainda se juntam ao grupo Raimundo Pereira e Bernardo Kucinski, além de Narciso Kalili, que havia sido demitido do *Última Hora*. Para Kucinski (2003:234), a importância do reconhecimento profissional como elemento de atração do público logo foi descoberto por aqueles jornalistas.

Assim, em 1971, a *Arte&Comunicação* lança *Grilo*, uma revista de quadrinhos estrangeiros, e o periódico de fotografia *Novidades Fotóptica*, que consistia na remodelação

⁵ SOUZA, Sérgio de. Entrevista. [mensagem pessoal] recebida por: <lua.chagas@uol.com.br> em 11 fev. de 2008.

⁶ Os jornalistas que fundaram a *Arte&Comunicação* foram Roberto Freire, Sérgio de Souza, Eduardo Barreto, Narciso Kalili, José Hamilton Ribeiro, Mylton Severiano, Hamilton Almeida Filho, Woyle Guimarães, Ruy Barboza e J.A Granville Ponce. Mas apesar da intenção, a Editora nunca operou como cooperativa. Foi registrada como sociedade por cotas, com apenas dois sócios ostensivos: Eduardo Barreto e Narciso Kalili - e mais dois que não apareciam no expediente. Cf. KUCINSKI, 2003:235.

do jornal da *Fotóptica* - que representou para muitos fotógrafos brasileiros a possibilidade de publicar seus trabalhos.

Paralelamente, a Editora ofereceu à rede de supermercados Pão de Açúcar uma publicação de serviços, que inicialmente foi distribuída gratuitamente para os clientes do mercado.

Bondinho não começou como revista alternativa. Nem mesmo como revista de contracultura, apesar das raízes de seus fundadores. Sua linguagem, de diálogo direto com o leitor, fluente e moderadamente pasteurizada, evitando ofender os tímpanos da classe média, denotava muito mais a influência do Jornal da Tarde e da técnica publicitária. Sua proposta de prestação de serviços tinha raízes no projeto *Quatro Rodas*, pelo qual haviam passado Sérgio de Souza e Hamilton Ribeiro. Distinguia-se como produto de excelência do texto e do acabamento, pela precisão da informação. (KUCINSKI, 2003:236)

A revista oferecia ao leitor mini-reportagens, além de serviços de horóscopo e culinária, roteiros de passeios e críticas de cinema e literatura. E seguiu este padrão editorial durante seu primeiro ano. No segundo ano, passou por modificações, tornando-se alternativa e provocativa. O número de páginas dobra, abrindo espaço para entrevistas. As capas que antes eram pacatas – destinadas a acontecimentos românticos da cidade paulista –, passam a estampar fotos de personalidades, como Chico Buarque e Caetano Veloso, entre outros. Numa entrevista a Kucinski (2003:239), em 1990, Souza explica o motivo da transformação: “o dinheiro era pouco e também cansava fazer revista para ser distribuída só em supermercado”. *Bondinho* deixava de ser a revista bem-comportada da família que vai às compras no Pão de Açúcar e tornava-se a revista da juventude inquieta e contestadora

Por conta de seu novo estilo irreverente, *Bondinho* perde anunciantes, o número de vendas torna-se irregular e deixa de ser distribuída pela Abril – que era responsável pela distribuição desde sua criação. Em junho de 1972, oito meses após as mudanças, deixa de ser publicada.

Ao mesmo tempo, aquela editora lança o *JornaLivro*, elaborado a partir de textos de livros que se relacionavam com a realidade do país. *Cleo e Daniel*, de Roberto Freire

(1976), por exemplo, foi um dos títulos que vendeu 30 mil exemplares em 15 dias, contribuindo para o sucesso editorial e de vendas do periódico. Na forma de jornal, o livro ficava mais acessível. Também foram publicados contos de Machado de Assis, Eça de Queiroz, Monteiro Lobato, Dostoievski, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha, entre outros.

Mas, com o fim de *Bondinho*, a Arte&Comunicação vai à falência, pois a empresa tinha uma dívida com a *Editora Abril*. Narsciso Kalili e Eduardo Barreto, os jornalistas responsáveis pela cooperativa, foram condenados a um ano de prisão, por “má gerência”, mas não foram presos, pois eram réus primários (ZIBORDI, 2004). Freire recorda:

Tivemos que fechar a editora Arte&Comunicação com a sensação prazerosa de haver percebido e provado a possibilidade da prática de um jornalismo independente, autônomo, competente e moderno, se produzido de modo autogestivo por um grupo de jornalistas desligados de todos os poderes nocivos à criatividade, à verdade, à sinceridade e movidos pela paixão e pela coragem anticapitalista e antiburguesa. O problema é a reação do jornalismo tradicional, a serviço do poder econômico e dos partidos políticos... (ZIBORDI, 2004:35)

Uma nova editora é inaugurada, em substituição a anterior, a Espaço&Tempo, e os títulos *O Grilo* e *Jornalivro* foram salvos. Sérgio de Souza resolve lançar *Ex-Grilo* a fim de fugir da censura, já que a primeira versão havia sido perseguida pelos censores. *Ex* foi uma grande criação.

João Antônio dizia que *Ex* era o mais moderno, o mais arrojado dos filhos da imprensa nanica – expressão criada por ele mesmo e definida como uma espécie de imprensa viva, que questiona, que duvida, que enfrenta, vasculha, alerta, remexe, depõe derruba cheira a alguma coisa e fede”. (CHINEM, 1995. P.33)

O número zero foi publicado em novembro de 1973 e a redação funcionava num sobrado no bairro do Bixiga, em São Paulo. Tinha como público-alvo estudantes de comunicação e jornalistas. Era uma versão mais avançada e elaborada de *Bondinho*, mas com a mesma concepção jornalística. A impressão do número um de *Ex*, às custas de um calote numa pequena gráfica, foi distribuída nas bancas de jornal da cidade pelos próprios editores.

Com periodicidade mensal, o jornal se destacou por uma vitalidade e criatividade pouco comuns na história da imprensa brasileira. *Ex* foi mais do que um jornal cultural. Funcionava num único espaço, que abrigava o jornal, uma livraria e o Teatro Oficina, centro de vanguarda e de resistência aos anos autoritários do país. Em 1974, em uma operação que paralisou a cidade de São Paulo, a Polícia Federal destruiu o espaço, mas o jornal continuou a ser publicado.

Mas quando *Ex* publicou uma reportagem sobre a morte do jornalista Vladimir Herzog, foi então submetido à censura. Seus organizadores ainda tentaram outra publicação intitulada *Mais um*, mas esta também se tornou objeto da censura.

Não só do ponto de vista político, por sua coragem na defesa das liberdades democráticas, mas também pela sua atuação na área jornalística, *Ex* teve o mérito de sacudir a inércia da grande imprensa com a técnica eficaz da reportagem-denúncia - que depois foi absorvida por outros nanicos, tornando-se uma das características desse tipo de imprensa. O jornal entendia por democracia interna a oportunidade dada ao leitor de participar mais da sua feitura: foi o primeiro a dedicar espaço real ao leitor, cujas cartas ocupavam as duas primeiras páginas da publicação e eram intituladas e ilustradas como uma matéria produzida pela redação.

Podemos afirmar que Souza marcou a história fazendo um jornalismo sempre contrário ao da grande mídia. Mas para ele os

alternativos seriam os veículos não ligados a empresas grandes; veículos de linha editorial ditada pelos profissionais que os fazem e não por empresários; veículos independentes de qualquer entidade, pública ou privada; que tenham compromisso de publicar a opinião de seus colaboradores, além da dos seus editores; veículos insensíveis a eventuais pressões ou censura; a diferença, enorme, entre o capital de uma editora desse tipo de publicação e o de uma editora da imprensa grande; a relação entre os profissionais de uma e de outra, respeitosa e fraternal na primeira, rígida e impessoal na segunda.⁷

⁷ SOUZA, Sérgio de. Entrevista. [mensagem pessoal] recebida por: <lua.chagas@uol.com.br> em 11 fev. de 2008.

Para Sônia Virgínia Moreira (1985:44), o espaço reservado à imprensa alternativa continua a existir porque as publicações funcionam como canal de sintonia entre os acontecimentos e a população. “Exemplos inspiradores certamente não faltam: é só olhar para trás e constatar, sem nenhuma nostalgia, quantas publicações bonitas o país já teve.”

O Caro Amigo Sérgio de Souza

Era 1996. José Carlos Marão procurava jornalistas experientes e “saídos” de redações por conta de seus primeiros fios de cabelos brancos, com o intuito de produzir um impresso inteligente e não apelativo. As primeiras reuniões desse projeto foram realizadas pelo próprio Marão, Juca Kfourri, Alberto Dines, Sérgio de Souza, João Noro, Hélio de Almeida, Matthew Shirts e o designer Hélio de Almeida. Esses encontros aconteciam na Editora Casa Amarela, atual *Editora Caros Amigos*, no bairro da Vila Madalena em São Paulo. Depois de alguns encontros Roberto Freire se juntou ao grupo.

Dines, que havia chegado recentemente de Portugal, apresentou para aquele grupo um formato diferenciado para a publicação em questão: seria uma grande seção de cartas, sempre elaboradas pelos jornalistas, mas não descartavam a possibilidade de receber a contribuição de outros profissionais e quiçá de leitores.

A proposta de Dines foi aprovada pela equipe durante a reunião. As matérias seriam sempre direcionadas aos leitores desta forma. O grupo de jornalistas pretendia buscar a excelência do jornalismo. A plataforma editorial também deveria ser baseada na combinação do não-engajamento político com reportagens incisivas. Dines (2007) afirma que “nas reuniões preparatórias todos concordaram que o fim da imprensa alternativa, nanica ou *udigrudi* (underground), deveu-se justamente ao seu engajamento político, incapaz de adaptar-se ao fim da ditadura”.

Mas Souza declarou que na criação da revista o seu

propósito era criar uma publicação de interesse geral que se posicionasse

contrariamente ao ‘pensamento único’ que então transpirava de toda a grande imprensa do país, seguidora fiel do governo privatista de Fernando Henrique Cardoso. Havia outras propostas para a *Caros Amigos*, como a de uma revista "futurista", que tratasse de um mundo novo oferecido pelo avanço galopante da tecnologia, ou uma revista para-literária. Ao final daquelas poucas reuniões acabou vingando a minha ideia de criar uma publicação mensal [...] e trouxesse reportagens, artigos, colunas, seções, humor, fotografia e uma grande entrevista que batizei de "explosiva", para brincar com a clássica "exclusiva", e que, aliás, se tornaria o prato forte de *Caros Amigos*. Todos os trabalhos publicados levariam assinatura, não seriam admitidos pseudônimos e os autores é que decidiriam que tema abordar, partindo de uma proposta simples: fale sobre algo que o esteja incomodando muito ou agradando muito. (GLASS, 2007)

E no editorial do primeiro aniversário da revista, em maio de 1997, Souza conta sua versão:

Vamos que vamos!

Talvez valha a pena contar uma historinha a propósito do aniversário que estamos comemorando com o bebe de um ano na capa - a historinha de *Caros Amigos*. Faz dois anos, um pequeno grupo de jornalistas reuniu-se para discutir a idéia de lançar um tablóide semanal da Vila Madalena, uma espécie de Village Voice paulistano desse apaixonante bairro em que está instalada a nossa editora. Ao longo de algumas reuniões, a proposta foi evoluindo, e a ambição crescendo. Passamos a discutir uma publicação nacional, com nome de *Caros Amigos*, sugerido por Alberto Dines, que participava do grupo e propunha um jornal com artigos em forma de carta escritos por grandes nomes daqui e de fora, ilustrado com os rostos dos articulistas a bico-de-pena. A discussão foi esquentando e acabou se chegando a fórmula que estamos mantendo desde a primeira edição, não só com artigos, mas também reportagens, entrevistas, ensaios fotográficos, sessões assinadas e humor. Dines, como outros que defendiam outras idéias de publicação, afastou-se, mas fez questão de deixar o nome *Caros Amigos* conosco (declararia depois, numa entrevista a um jornal de Minas, que a revista é uma "droga", mas não havia mais como devolver-lhe o título, que até acabou dando sorte).⁸

Talvez motivos comerciais possam explicar a intenção de Sérgio de Souza - e do grupo que ficou -, após as mudanças ocorridas para o nascimento da “verdadeira” *Caros*.

⁸ *Caros Amigos*. Revista publicada em abril de 1998.

Chamo verdadeira, pois é a revista que os leitores conhecem e que esta há dezoito anos no mercado⁹. Souza não acreditava que o projeto proposto por Dines tivesse uma vida longa.

Caros Amigos nasceu de uma vontade latente, desde sempre, de fazer uma publicação que destoasse do mais do mesmo que o leitor encontrava nas bancas, em termos de revista de leitura e opinião, uma publicação que fugisse da linguagem e conceitos e preconceitos encontrados na imprensa grande. [...] uma receita editorial simples, em formato e papel inusuais .

Passado algum tempo, *Caros Amigos* se firmou como trincheira do pensamento progressista, destoando do supérfluo e neoliberal meio jornalístico. Ser um caro amigo era prestigioso e ninguém perguntava muito ao Sérgio – mais conhecido na redação como Serjão - se e quanto ganharia para escrever. Colaborar com *Caros Amigos* dava *status* (GLASS, 2007). *Caros Amigos*, mesmo com sua imagem consolidada, recebia pouquíssima publicidade e não sobreviveria se dependesse dela. A solução era diversificar. O *site* tinha alguns anúncios e lojinha virtual. A *Editora Caros Amigos*, naquela época, publicava um fascículo paradidático e livros que colaboravam na manutenção da empreitada. (KUCINSKI, 2007).

A revista contava com a participação de muitos colaboradores (não remunerados) – desde jornalistas experientes a estudantes de jornalismo - para enfrentar a falta de dinheiro que pairava na redação. O secretário de redação, Thiago Domenici, contou-me durante o Anticurso de Jornalismo *Caros Amigos*¹⁰, que para viabilizar a reportagem “Quem é Renan Calheiros”, publicada em agosto de 2007, a equipe precisou – após uma decisão consensual numa reunião de pauta – abrir mão de salários e pró-labores. Só assim o repórter João de

⁹ Embora depois da morte de Sérgio de Souza, em 2008, o projeto editorial da revista tenha se modificado completamente. Neste artigo, analisamos a revista até o momento do falecimento do seu mentor.

¹⁰ O Anticurso de Jornalismo da *Caros Amigos* aconteceu em setembro de 2007. Posteriormente, mais duas edições do curso foram realizadas. O objetivo principal era apresentar a visão da revista sobre o jornalismo – o fazer e o pensar.

Barros viajou para Alagoas – e lá permaneceu durante uma semana – com o intuito de cobrir o escândalo que envolveu o nome de Calheiros.

Severiano, que foi colaborador desde o primeiro número até alguns meses depois da morte de Souza - e nunca foi remunerado pela *Caros* -, afirma que trabalhar com o que se gosta é uma diversão, que ele leva a sério. Ele classifica o jornalismo da revista como independente: “A diferença, para usar uma terminologia de Nelson Werneck Sodré, está em que a grande imprensa é ‘subsidiada’ e a imprensa independente não. Assim, a mídia gorda não pode desconsiderar seus subsidiadores, tais como bancos e outras empresas”.¹¹

Durante o 1º Anticurso de Jornalismo da revista *Caros Amigos*, José Arbex Jr relatou que, no fechamento da edição de setembro de 2007, a Vale do Rio Doce entrou em contato com a redação para publicar um anúncio, mas isto ocorreu justamente no período que antecedia o plebiscito que decidiria o cancelamento do processo de privatização ou não. Como era o último dia do fechamento da revista, Arbex disse à redação: “Suspenda meu artigo. Vou escrever outro”. E escreveu um artigo que defendia a reestatização da Vale do Rio Doce. Sendo assim, a revista levou às bancas um anúncio e um artigo contrário aos interesses da empresa naquele momento.

Numa entrevista concedida a Verena Glass para a revista *Carta Maior*, Sérgio de Souza relatou que o maior desafio da revista, durante aqueles 10 anos de história, era manter a distância apropriada do poder, seja político-partidário, seja econômico.

¹¹ SEVERIANO, Mylton. Entrevista. [mensagem pessoal] recebida por: <lua.chagas@uol.com.br> em 21 jan. de 2008.

seja: informar, de modo a não apenas manter as pessoas a par dos fatos que ocorrem no cotidiano das cidades e países, mas, principalmente, tratar de interpretar o significado dos fatos mais relevantes, o que acaba por promover a consciência do leitor, espectador ou ouvinte, de forma a olhar o seu meio e o mundo com mais acuidade, maior capacidade de julgamento. (GLASS, 2007)

O criador de *Caros* trouxe os elementos da *Realidade* para a revista dos amigos. Mas considerando os bons salários e os recursos para realização das pautas, entre outras características, a *Caros* estava muito aquém da *Realidade*. Mas a falta de recursos nunca intimidou os repórteres da revista.

Só faço reportagens de ônibus, porque o motorista da redação vive ocupado. Não podemos fazer matérias fora de São Paulo, e como a verba é curta, qualquer despesa extra precisa ser estudada. Os computadores são velhos, há poucas linhas telefônicas, a internet é lenta, o salário não é essas coisas. Mas para mim isso tudo é detalhe. Só prova que quem está aqui está por tesão. E Muitas vezes me pego chamando a Casa Amarela de "minha casa..."¹²

Um projeto desse tipo não se constrói sozinho. Há em *Caros Amigos* um sentido de equipe que não deve ser desprezado, até porque é esse elemento que nos permite compreender, em grande parte, a história da revista. Se o Sérgio é uma espécie de astro-rei, há vários outros satélites e planetas que ajudam a formar esse sistema solar. (PEREIRA Filho, 2004:115-116)

Arbex Jr., que atuou na imprensa clandestina, assim como Souza, fazendo um jornal contra a ditadura, tem uma visão diferente sobre a revista:

¹² VIANA, Natália. Entrevista. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <lua.chagas@uol.com.br> em 17 mai. de 2006

social. Surgiu mais como uma aglutinação de jornalistas, intelectuais, artistas que estavam cansados da grande imprensa e resolveram fazer algo diferente. Com o tempo, a revista foi ficando cada vez mais antenada com o que acontecia no Brasil.(FAZENDO MEDIA)¹³

Na redação da revista as funções se misturam. Não existem pauteiros, editores, chefias ou diretores. Existe troca de informações e, consecutivamente, de funções, mas tudo ocorre de maneira natural. A equipe tem o compromisso de realizar o trabalho – a matéria ou reportagem – a tempo hábil do fechamento de cada edição. Não se trabalha no limite. E também não tem folha de ponto, nem horário a ser cumprido.

Domenici fornece mais detalhes sobre o funcionamento da redação da revista:

Meu trabalho na *Caros Amigos* é ser o Secretário de Redação. Sou eu que mantenho contato com os colaboradores, solto prazos, recebo pautas, distribuo, mantenho contato com o editor, Sérgio de Souza, produzo as entrevistas de capa, contato com entrevistados e entrevistadores, oriento os estagiários no que for preciso e dou suporte na redação. Tomo conta do e-mail da redação e sou a ponte com o mundo exterior. Se ligar lá na redação, provavelmente eu te atenderei. Sabe o famoso faz de tudo? Sou eu. Quando pinta tempo, como jornalista que sou, vou fazer minhas matérias.¹⁴

Francisco José Bicudo Pereira Filho (2004:119), jornalista e professor da USP, critica:

Essa é uma das lacunas e falhas da revista. Uma pedra no sapato que precisa ser melhor pensada e equacionada pela redação. (...) Planejamento, pesquisa e reunião de pauta são momentos fundamentais da atividade jornalística. Não se deve confundir organização e programação com burocracia, nem liberdade com bagunça.

A ausência da reunião e do planejamento não fazem da *Caros Amigos* uma revista sem qualidade. É possível justificar a ausência dos itens mencionados, pois a revista tem inúmeros colaboradores e seria difícil conciliar a agenda de todos para uma reunião. Além disso, não se criou a cultura da “reunião, por conta do próprio estilo, espírito e jeito de trabalhar” (PEREIRA Filho, 2004). Os jornalistas trabalham por convicção. Mas existem

¹³ Cf.: Entrevista publicada no site do jornal Fazendo Media. (<http://www.fazendomedia.com/fm022/entrevista0022.htm>)

¹⁴ DOMENICI, Thiago. Entrevista [mensagem pessoal] recebida por: <lua.chagas@uol.com.br>. Em 21 de abril de 2006.

reuniões para definição das entrevistas e algumas reportagens. Toda a redação participa, tanto os fixos, como os estagiários. Não se trata de uma reunião para cada edição, mas quando necessário a equipe se reúne.

Para Domenici, a *Caros* sempre foi uma paixão, um desejo que o fez sentir-se realizado por fazer parte da equipe. Renato Pompeu, editor especial, define o perfil da revista: “Para mim, a grande diferença é que meu trabalho não é distorcido pela direção, como sempre ocorreu na grande mídia”.¹⁵

É assim que *Caros Amigos* utiliza o movimento do *new journalism*. Ela transgride na forma de fazer jornalismo e o produto final é de qualidade. Souza acredita que existe o componente literário no jornalismo feito pela *Caros*.

O jornalista que escreve tem que ter essa preocupação, que já vem da própria escolha da profissão. A moçada que decide entrar, já traz isso de casa. É difícil, senão impossível, o jornalista escrever bem se não teve anteriormente o hábito, gosto, paixão muitas vezes, da leitura. Há debochados que brincam dizendo que todo jornalista é um escritor frustrado. Não sei se é isso mesmo, sei que gostar de escrever literatura certamente faz parte das ideias de quem entra na roda. Não vejo diferenças marcantes na narrativa quando se trata de revista de leitura, como a nossa, e outras. O *new journalism* é de altíssimo respeito, mas deixou de ser *new*.¹⁶

Numa revista como a *Caros Amigos* existem componentes literários, pois o jornalismo se destaca pela narrativa livre e autoral. Souza considera o lide dispensável e não acredita em regras para o jornalismo. Considera a *Caros* uma revista contra-hegemônica, pois não segue os padrões do jornalismo feito pela grande mídia. Por outro lado, *Caros* poderia ser classificada como uma publicação institucional e não alternativa, pelas seguintes razões listadas pelo seu próprio idealizador: pertence a uma editora registrada na Junta Comercial; tem seu título registrado no Instituto Nacional de

¹⁵ DOMENICI, Thiago. Entrevista [mensagem pessoal] recebida por: <lua.chagas@uol.com.br>. Em 21 de abril de 2006.

¹⁶ SOUZA, Sérgio de. Entrevista. [mensagem pessoal] recebida por: <lua.chagas@uol.com.br> em 11 fev. de 2008.

Propriedade Industrial; é membro da Associação Nacional dos Editores de Revistas; tem periodicidade e chega às bancas do país inteiro por intermédio da Distribuidora Nacional de Publicações, do grupo Abril¹⁷, tem uma tabela de preços do espaço publicitário a ser comercializado em suas páginas; é produzida por profissionais tanto na área editorial quanto na comercial e administrativa, na sede que tem endereço físico, paga aluguel e contas de luz, água e telefone; mantém um *site* na internet; já foi premiada por várias entidades de reconhecida expressão no cenário nacional; consome toneladas de papel e de tinta gráfica mensalmente; circula nos meios que pensam o país, como a universidade, os colégios, as câmaras municipais e assembleias legislativas, os executivos municipais e estaduais, o judiciário, o Congresso Nacional e o Palácio do Planalto (GLASS, 2007). Para Severiano, a revista vive na contra-mão da hegemonia da grande mídia. “Somos a ovelha negra e, claro, a subversão do lide”.¹⁸ Já para Arbex Jr., “o que mais atrai na *Caros Amigos* é a sua independência, o que não é possível encontrar nos jornais da grande imprensa, é possível encontrar na *Caros*”¹⁹. E ainda acrescenta:

Caros Amigos tem uma característica central: ela reúne velhos jornalistas, dinossauros mesmo, ao mesmo tempo em que atrai a nova geração de profissionais. Isso é extraordinário, é o que passa a sua experiência, de maneira tão impositiva, para esses jovens. Nesse sentido, a revista é singular. (PEREIRA FILHO, 2004: 124)

A revista padece de um problema crônico de falta de organização. Para ser uma publicação bem-sucedida, aceita pela sociedade e que se sustente, é necessário ter um modelo com o mínimo de regras. O entra e sai de colaboradores prejudica a revista, pois os leitores, no caso da *Caros Amigos*, buscam por vezes a opinião de um colaborador específico. Não que a revista não seja atrativa, mas a *Caros* é a junção de todos os

¹⁷ A DINAP foi responsável pela distribuição da revista *Caros Amigos* até novembro de 2007. Atualmente esse serviço é feito pelos Correios.

¹⁸ SEVERIANO, Mylton. Entrevista. [mensagem pessoal] recebida por: <lua.chagas@uol.com.br> em 21 jan. de 2008.

¹⁹ Frase proferida na palestra realizada em 15/09/2007 durante o 1º AntiCurso da *Caros Amigos*

colaboradores. Suas opiniões, seus modos de ver o mundo e de fazer jornalismo dão luz à revista.

Na edição de janeiro de 2008, o editorial pergunta “feliz ano-novo?” E descreve o caos financeiro em que a revista se encontra.

E viemos, a duras penas, conseguindo tocar o barco, à custa de empréstimos bancários e de amigos, sem contar um dado vital que já foi exposto neste espaço: a impressionante cumplicidade dos colaboradores que assinam os artigos, seções e colunas que todo mês preenchem – com a maior qualidade – as páginas da revista. Há anos, todos eles (à exceção de três, que não podem prescindir de uma remuneração – pequena – mensal) comparecem com seus trabalhos, pontualmente.

A situação que temos vivido se estabeleceu por razões explicáveis: a receita de publicidade nas páginas de Caros Amigos não cobre os custos. É sabido que qualquer publicação jornalística periódica, seja de grandes ou pequenas editoras, garante seu sustento principalmente como dinheiro dos anúncios, além da venda em bancas e de assinaturas. É uma regra, às vezes ingrata.

E que não temos conseguido o número mínimo de anúncios necessário para ir para frente, desenvolver os muitos planos que temos na gaveta.

Fazemos essa colocação seguindo nosso princípio jornalístico aberto, sem peias e quase íntimo com o leitor.

É preocupante o cenário que temos pela frente em 2008, mas continuaremos brigando, como temos feito até aqui.²⁰

Dois meses após a publicação desse editorial, o editor-chefe e idealizador da revista, além de um dos proprietários da Editora, Sérgio de Souza, faleceu em consequência de uma complicação pós-cirúrgica. Na sua última reunião de pauta, o jornalista havia cogitado a possibilidade de voltar a trabalhar com a investigação, quiçá num jornal semanal de polícia.

Além dos veículos citados aqui, Souza também passou por algumas revistas da Bloch: *Manchete*, *Fatos e Fotos* e *Notícias Populares*, atuou no *Jornal da Bahia* e nas revistas *TênisEsporte*, *Placar* e *Globo Rural*. Trabalhou também como professor no curso de jornalismo da UNIP. E ao lado de José Hamilton Ribeiro editou o semanário *O Diário*, em Ribeirão Preto. Foi diretor de jornalismo das rádios *Tupi*, *Globo* e *Excelsior*. Na TV foi

²⁰ *Caros Amigos*. Revista publicada em janeiro de 2008.

editor-chefe do *Fantástico*, diretor da divisão realidade na TV Bandeirantes – nos programas *Nossa Copa* e o *Limite do Homem* - e passou também pela TV Record - no programa *Barra Pesada*. Todas essas experiências antecederam a criação da revista *Caros Amigos*. E segundo Souza, em entrevista à autora, foram rápidas todas as passagens, pois não estava habituado a se submeter a certas regras das empresas jornalísticas.

Uma vida feita de jornalismo e para o jornalismo

Desta forma, a singularidade da trajetória de Sérgio de Souza apresenta-se como um rico objeto de pesquisa sobre o papel da imprensa e suas relações com a sociedade, ressaltando a relevância das iniciativas e empreendimentos contra-hegemônicos no Brasil contemporâneo.

Curiosamente Souza não se considerava um intelectual, apenas um prático do jornalismo.²¹ Norberto Bobbio (1997:70) afirma que não devemos classificar os intelectuais e sim reconhecê-los por seus ideais e política.

Sérgio de Souza, o Serjão (mais de 1m80 de altura), meu mestre de texto e também de postura na vida. Muito calado, não gosta de dar entrevista. Só fala o essencial e se provocado. Um jornalista completo. Humanista até o último fio de cabelo. Informadíssimo. Do tipo que você vai com o trigo ele já vem com o pão.²²

Provavelmente, a inconformidade de Souza com a nossa sociedade não permitiu que se considerasse um intelectual, diferente, por exemplo, de Mylton Severiano que se julga como tal. “Sempre ganhei a vida batendo primeiro a máquina e de uns 15 anos pra cá no computador, usando o intelecto, portanto...”.²³ Convém lembrar que para Antônio

²¹ Esta informação foi retirada de uma entrevista de Sérgio de Souza à autora deste trabalho. A entrevista concedida por correio eletrônico em 11/02/2008.

²² SEVERIANO, Mylton. Entrevista. [mensagem pessoal] recebida por: <lua.chagas@uol.com.br> em 21 jan. de 2008

²³ SEVERIANO, Mylton. Entrevista. [mensagem pessoal] recebida por: <lua.chagas@uol.com.br> em 21 jan. de 2008.

Gramsci²⁴ nenhum intelectual pode ser visto como autônomo. O autor amplia a visão de intelectual e defende que não se trata de um segmento independente, pois sempre é necessário considerar sua origem do quadro das relações sociais. Portanto, para Gramsci, não existe o não-intelectual, pois não existe a divisão entre trabalho intelectual e manual.

Já os jornalistas que utilizam o lide como ferramenta de trabalho podem ser considerados apenas técnicos do saber, pois se utilizam da práxis no cotidiano da profissão para redigir suas matérias. Os profissionais de comunicação que têm vocação, como afirmou Severiano, são intelectuais ideólogos, que fornecem valores e princípios-guias em suas reportagens. Utilizando essa classificação de intelectuais é possível identificar o perfil dos jornalistas, colaboradores e estagiários da revista *Caros Amigos*, assim como definiu Glass: “jornalista não é o cara que vai trabalhar no jornal, mas é aquele que vai contribuir como ator social na sociedade”.²⁵ E Sérgio de Souza foi esse cara que tinha como ideologia construir uma alternativa contra-hegemônica para o jornalismo feito pela grande mídia em diferentes momentos da história.

Referências

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo. Editora Unesp, 1997.

CHAGAS, Luciana Almeida das. *Caros Amigos e seu modo de narrar histórias*. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

CHINEM, Rivaldo. *Imprensa alternativa: o jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo. Ática, 1995.

DINES, Alberto. “Nova História Oficial a cada década” in *Observatório da Imprensa*. 08/05/2007. Disponível em:

²⁴ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1997 - 3ª Edição.

²⁵ Frase proferida durante o 1º anticurso Caros Amigos, que ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2007. A palestra de Verena Glass aconteceu no dia 6 de outubro de 2007.

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=432CIR002> Acessado em 18/12/2007.

DUARTE, Cristina. A imprensa nanica: uma experiência alternativa. In: *Antologia Prêmio Torquato Neto*. Rio de Janeiro, Centro de Imprensa Alternativa e Cultura Popular do RIOARTE, 1984. (Ano I)

FARO, J. S. *Revista Realidade – 1966-1968 –Tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Porto Alegre: Ulbra/AGE, 1999.

FREIRE, Roberto. *Cleo e Daniel: romance urbano*. São Paulo. Símbolo, 1976.

FUNDAÇÃO PERSEU DE ABRAMO. *Páginas Especiais*. Disponível em <http://www.fundacaoperseuabramo.org.br/especiais/ai5/Sérgio.htm>. Acesso em 12/12/2007.

GLASS, Verena. Aos 10 anos, *Caros Amigos* continua ícone do jornalismo progressista in *Carta Maior*. http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=13925. Acessado em 10/01/2008.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1997.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

KUCINSKI, Bernardo. Comunicação o Desafio da esquerda in *Revista do Brasil*. Edição nº 19, dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.revistado brasil.net/rdb19/midia.htm>. Acessado em 03/02/2008.

MOREIRA, Sônia Virginia. Retratos brasileiros: 20 anos de imprensa alternativa In: *Antologia Prêmio Torquato Neto*. Rio de Janeiro, Centro de Imprensa Alternativa e Cultura Popular do RIOARTE, 1985. (Ano II)

Paulo. Hamilton Almeida Filho - um gênio diabólico nas palavras de Patarra - veio da rua In. *Associação Brasileira de Imprensa* Disponível em <http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=2162>. Acessado em 22/01/2008.

PEREIRA Filho, Francisco Bicudo. *Caros Amigos e o Resgate da Imprensa Alternativa no Brasil*. São Paulo / SP. Annablume, 2004.

PEREIRA JUNIOR, Dimas Sales. “Realidade” in *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro, Editora FGV / CPDOC, 2001. Volume IV.

SARTRE. Jean Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo. Ática, 1994.

RIBEIRO, José Hamilton. Entrevista para a série “Protagonistas da imprensa brasileira: a opinião e o pensamento de quem esteve lá”. In *Jornalistas e Cia Online*. Disponível em <http://www.jornalistasecia.com.br/protagonista08.htm> Acessado em: 10/04/2013.

SILVA, Mylton Severiano da. Uma revista que dividiu as águas na imprensa brasileira. In: *Imprensa*, ano XIII, 1999, nº 143, p. 83. Resenha sobre o livro de José Salvador Faro, *Revista REALIDADE – 1966-1968 –Tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Ulbra/AGE: Porto Alegre: 1999.

ZIBORDI, Marcos Antônio. *Jornalismo Alternativo e Literatura Marginal em Caros Amigos*. Curitiba, 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes do Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.